

FICHA TÉCNICA

Título original: *Arctic Summer*

Autor: *Damon Galgut*

Copyright © Damon Galgut, 2014

Edição original publicada no Reino Unido por Atlantic Books Ltd

Tradução © Brilho das Letras, Lisboa, 2015

Tradução: *Duarte Sousa Tavares*

Imagem da capa:

Capa:

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º /15

1.ª edição, Lisboa, maio, 2015

Jacarandá é uma chancela da Brilho das Letras

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à
Brilho das Letras

Uma empresa Editorial Presença

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

CAPÍTULO UM

SEARIGHT

Em outubro de 1912, o navio *SS City of Birmingham* atravessava o mar Vermelho, a meio da sua viagem para a Índia, quando dois homens se encontraram na parte da frente do convés. Cada um deles tinha chegado separadamente, na esperança de fugir a um concerto que alguns dos outros passageiros estavam a organizar, mas já eram vagamente conhecidos e agradava-lhes a ideia de terem companhia. A tarde ia a meio. Estavam sentados num lugar que lhes dava tanto sol como sombra, e os protegia do vento. Ambos traziam livros consigo, que puseram educadamente de lado mal começaram a conversar.

O primeiro deles, Morgan Forster, tinha trinta e três anos e começava a pensar em si mesmo como um escritor. A recente publicação do seu quarto romance tinha sido tão bem-sucedida que lhe proporcionara o desafogo financeiro suficiente para fazer aquela viagem. Os seis meses que planeava estar fora representavam a sua primeira saída da Europa, e a segunda vez que estaria afastado da mãe. O outro homem era um oficial do exército, de regresso ao posto para o qual estava destacado, na Fronteira Noroeste. Era uns anos mais novo que Morgan, um belo homem de cabelo loiro penteado para trás e dentes brancos. Chamava-se Kenneth Searight.

Os dois homens já tinham conversado algumas vezes antes e Morgan surpreendera-se por gostar de Searight. O navio estava cheio de militares e das suas aborrecidíssimas esposas, mas aquele homem era diferente. Por um lado, viajava sozinho. Por outro, Morgan vira-o tratar com gentileza o único passageiro indiano a bordo, uma gentileza que não se via muito por ali, e isso deixara-o

bem impressionado. Aqueles pequenos sinais sugeriam-lhe que talvez tivessem mais em comum do que pensara inicialmente.

Apesar de ter embarcado havia apenas uma semana, Morgan começava a sentir que já passara demasiado tempo no navio. Viajava com três amigos, mas até a sua companhia o maçava, por vezes. Os seus pensamentos fugiam-lhe constantemente para o exterior, para o mar à sua volta. Andava para trás e para a frente no convés durante horas ou sentava-se na amurada, perdido em sonhos com os peixes-voadores que saltavam na proa ou com as outras criaturas — as medusas, os tubarões, os golfinhos — que por vezes apareciam. Deixava-se afundar em momentos como esses. Certa vez, vira uns salpicos de encarnado a dançar na crista das ondas, algo que lhe explicaram serem ovas de peixe, à espera de eclodir. Vida que não era humana a amadurecer e a irromper, para de imediato se consumir, num meio que também não era humano.

Ele, contudo, estava preso aos humanos. Todos os dias o esperavam as mesmas caras. O navio era como um pequeno pedaço de Inglaterra, de Tunbridge Wells em particular, que se houvesse soltado e partido à deriva. Por alguma razão, talvez porque falassem muito, as mulheres eram mais difíceis de tolerar. Partiam do princípio de que sentia as mesmas coisas que elas, quando na maior parte do tempo isso não era verdade. Uma delas, uma jovem à procura de marido, tinha tentado umas quantas tímidas aproximações, até que o seu rosto impassível a afastou de vez.

Mas era a maldade gratuita, lançada para o ar em comentários sussurrados à mesa do jantar, que mais o perturbava. Tinha anotado alguns no seu diário e ficava depois a meditar neles. Em certa ocasião, uma mulher já madura, que tinha sido enfermeira nas *purdahs* de Bhopal, fizera-lhe um discurso, entre dois pratos, sobre como era miserável a vida doméstica dos muçulmanos. E como as crianças inglesas que eram obrigadas a crescer na Índia aprendiam a falar como os mestiços, o que era um estigma *enorme*.

— E este rapaz indiano que está a bordo — acrescentou em voz baixa. — Bom, ele é muçulmano, não é? Estudou num colégio privado em Inglaterra, mas em que é que isso o tornou melhor? Julga que é um de nós, mas claro que nunca o será.

O rapaz indiano em questão, de cujo nome nunca se conseguia bem lembrar, tinha uns conhecidos em comum com Morgan, mas era um tipo irritante cuja companhia não lhe era agradável. Morgan começara também a evitá-lo, mas sabia que a aversão da sua companheira de mesa era de uma natureza diferente, e isso tornava-a desprezível aos seus olhos. Não que fosse caso único: quase todos os outros passageiros tratavam o pobre homem com um desprezo polido. Ainda no dia anterior, a mulher de um dos oficiais, uma tal Mrs. Turton, comentara:

— Ouvi dizer que o jovem indiano se sente sozinho. Bom, é natural. Eles não nos deixam conhecer as mulheres deles, porque é que nós haveríamos de os conhecer a eles? Se formos simpáticos, acabam por não nos respeitar.

Morgan pensou em responder, mas conteve-se, o que o faria sentir-se mal mais tarde.

Por isso, aquele encontro acidental com o jovem oficial do cabelo loiro dava-lhe alguma esperança. Havia qualquer coisa em Kenneth Searight — ainda que não soubesse exatamente o quê — que não condizia com a farda, nem com o seu ar impecavelmente educado.

Começaram por conversar num tom descontraído sobre a viagem. Tinham passado havia pouco tempo pelo canal de Suez, e a experiência, para Morgan, fora curiosamente reminescente da galeria de um museu. Além disso, ficara dececionado com Port Said: toda a gente lhe dissera que seria o primeiro vislumbre do Oriente, no entanto, nada sentira do cheiro, da vibração nem da cor que esperava encontrar. Não havia minaretes, somente uma única cúpula; e a estátua de Lesseps, apesar de apontar autoritariamente em direção ao canal, parecia segurar um molho de salsichas na outra mão. Tinha desembarcado, claro, e achara belíssimos alguns dos árabes, mas estes haviam estragado tudo ao tentar vender-lhe postais pornográficos. («Que’ ver umas coisas porcas? Nã’? Bom, talvez depois do chá.») No fim de contas, não tinha sido uma experiência muito animadora.

— Exceto o batelão de carvão — disse Searight.

— Sim — respondeu Morgan. — Exceto isso.

A memória do batelão surgiu-lhe vividamente. Mais especificamente, eram as figuras a bordo que continuavam a perturbá-lo: pretas da fuligem do carvão, vira-as despertar de um torpor quase morto para uma atividade frenética, cantando e tagarelando enquanto transportavam os seus cestos para dentro do barco. Uma dessas figuras, de idade e sexo indeterminado, deixara-se ficar junto à prancha depois de escurecer, de lanterna na mão; e essa imagem, com as suas sombras escuras e o contrastante brilho amarelado, tinha-lhe parecido, ao mesmo tempo, auspiciosa e assustadora.

Searight também lá estava, lembrava-se Morgan agora. Tinham estado ao lado um do outro na amurada, a observar a cena. Apesar de ainda não se conhecerem nem nunca terem falado, aquele momento pareceu-lhe, em retrospectiva, uma espécie de complacência.

Começaram então a falar dos seus planos para quando desembarcassem em Bombaim. Concordaram em viajar juntos até Agra, de onde Searight seguiria para Lahore e Morgan para Aligarh.

— Vai ficar lá com amigos?

— Sim — respondeu Morgan.

E depois atreveu-se a admitir:

— É um indiano.

— Ah — disse Searight. — Já me tinha ocorrido que fosse esse o caso. Fico contente em sabê-lo, muito contente mesmo. Não se aprende nada sobre a Índia a menos que se misture com os indianos, independentemente do que os outros lhe possam dizer. Eu próprio já fui íntimo de muitos. Ah, sim! Muito íntimo.

— Não consigo imaginar os seus camaradas oficiais a aprovarem uma coisa dessas.

— Existe mais compreensão do que possa pensar. Mas claro que tem de ser cauteloso. É uma questão de saber a hora e o lugar certos.

Deu uma pequena risada.

— O seu amigo é hindu?

— Não, é muçulmano.

— Ah, sim. Os muçulmanos. As pessoas acham os hindus sensuais, por causa de toda aquela imagética religiosa decadente. Por

outro lado, os muçulmanos são um dos povos do Livro, tal como nós. Posso dizer-lhe que os pachtuns são um bando de jovens selvagens, e tenciono fazer amizade com muitos deles. É um dos prazeres de ter sido transferido para Peshawar. Dantes, estava em Bengala, sabe, em Darjeeling, e foi maravilhoso. Mas estou ansioso pelo que o futuro me reserva.

Morgan teve a sensação desagradável de que o assunto se tinha desviado e de que estavam a falar de coisas diferentes. Ainda assim, respondeu:

— Eu também.

— Está ansioso por ver o seu amigo?

— Muito.

— Tem sentido a falta dele? Conheço tão bem essa sensação. E sou obrigado a procurar consolo noutro lado. Felizmente, nunca é preciso procurar muito, aqui na Índia. É mais difícil em Inglaterra, como bem sabe.

— O quê?

— O consolo.

Lançou-lhe um olhar cúmplice, e continuou:

— Mas conheci um guarda a cavalo em Hyde Park, ainda há poucas semanas.

Assustado pelo rumo que a conversa tinha tomado, Morgan decidiu tossir ligeiramente e fitar o mar. Searight tinha-se voltado para ele na cadeira, numa atitude de completa confiança. Depois de uma pausa, começou a falar do calor. Parecia ser um novo tema de conversa, mas era uma derivação sub-reptícia do tema anterior. Durante os últimos dias, a temperatura tinha disparado em flecha; muitos dos passageiros tinham começado a dormir no convés. E já reparara Morgan que alguns dos homens andavam de calções?

— Os mais velhos deviam ser proibidos — disse Searight —, por terem as pernas feias.

Segundo ele, muito poucos ingleses tinham as pernas bonitas, um problema qualquer com os joelhos. Mas, na Índia, havia muitas pernas bonitas. E pernas à mostra por todo o lado, como Morgan teria a oportunidade de ver. Havia muito mais pele à vista na Índia do que em Inglaterra; eram os hábitos de lá.

Morgan achou melhor não responder e esperar para ver o que se seguiria.

Por fim, Searight suspirou e murmurou:

— A culpa é do calor.

— Sim — respondeu Morgan cautelosamente.

— Uma coisa leva à outra. Dá cabo das pessoas. Já vi acontecer muitas vezes. As pessoas vão para lá, para a Índia, quero dizer, e começam a comportar-se como nunca se comportariam em Inglaterra. Para mim, a culpa é do calor.

— Andarei de chapéu.

— Não irá protegê-lo.

— Garanto-lhe que é da melhor qualidade...

— Não duvido. Mas não o pode salvar de si mesmo.

Algo no rosto de Searight se tinha alterado quase impercetivelmente; a sua expressão tornara-se um pouco crua e sensual.

— Não sei se estarei a perceber...

— Ah, acho que sim!

Naquele momento, ouviu-se um barulho vindo do interior do navio, um vago clamor de música e de vozes, abafado pelo bater da água na proa — a recordar que o mundo real estava ali perto. Morgan olhou rapidamente à sua volta, para ter a certeza de que estavam sozinhos.

— Talvez seja melhor irmo-nos preparar para o jantar — disse.

Antes que conseguisse mexer-se, Searight aproximou-se e estendeu-lhe o livro que tinha no colo. Morgan mal reparara nele, supondo tratar-se de uma compilação de poemas como o que ele próprio estava a ler. Mas o grosso caderno verde era muito mais pessoal. Tinha escrita na capa a misteriosa palavra *Paidikion*, e as suas muitas páginas estavam cobertas de letras, não de imprensa, mas manuscritas.

Mas, na página que Searight mantivera aberta com o dedo indicador, parecia estar, afinal de contas, um poema.

... *Passei*

Da sensual Bengala para a feroz Peshawar

Uma fortaleza asiática onde cada mancebo

Em flor plantado no seu solo inquieto

*Está — ipso facto — pronto a despojar
(Ou ser despojado)...*

- Meu Deus! — exclamou Morgan. — O que é isto?
- É a história da minha vida, em verso.
- Foi você que escreveu isto?

*... por alguém
Diz-se que o jovem pachtum
Estranharia que alguém por ele passasse
Sem que do seu rabo se encantasse.
Todos os rapazes de certa idade fazem alugar
Os seus encantos ao desejo seja de quem for,
À sodomia e aos prazeres perversos...*

- A culpa é do calor — disse Searight, e riu-se alto.

Naquela noite, Morgan repetiu a conversa num só fôlego a Goldsworthy Lowes Dickinson, no camarote apertado que partilhavam, enquanto se vestiam para o jantar. Só de se lembrar, revivia o choque, e os botões escorregavam-lhe dos dedos. Era impressionante, dissera a Goldie, era extraordinário. Falar daquela maneira com alguém que era praticamente um desconhecido, expor-se de forma tão incauta! Não tinha sido sequer uma confissão — não sentira qualquer vestígio de culpa. Era isso que o deixara verdadeiramente estupefacto: Searight parecera quase orgulhoso de quem e daquilo que era.

Os dois homens olharam-se em silêncio. Então, Goldie perguntou cuidadosamente:

- E fez-te prometer que guardavas segredo?
- Não. Julgo que considerou que seria um dado adquirido.
- Porque é que achou que tu não irias...?
- Não sei.
- E também lhe falaste sobre ti assim tão abertamente?
- Não, de todo. Também não me pareceu muito interessado em mim. Falei-lhe um pouco sobre a minha vida em Inglaterra, e ele mudou de assunto.

— Ah! — respondeu Goldie.

O seu tom era de desapontamento, mas o alívio era evidente.

Era sempre assim que os dois comunicavam, em pequenas lufadas de entusiasmo partilhado, seguidas de insinuações murmuradas. Muito se dizia entre eles sem precisarem de falar. Conheciam-se havia já alguns anos, desde que Morgan estudara no King's, onde Goldie era professor. Mas a sua amizade demorara a florescer e só mais recentemente ganhara forma, depois de Morgan ter saído de Cambridge. Eram ambos homens picuinhas, atormentados, envelhecidos antes do tempo, e com uma evidente tendência para o celibato. Já cada um deles tinha experimentado o amor, mas sempre de longe e sempre não correspondido.

Compreendiam-se bem e por isso Morgan percebeu, sem que Goldie o tivesse dito, que não confiava em Searight. Achava que alguém tão pouco discreto poderia ser perigoso. Goldie pertencia a uma geração para quem a discricção era a primeira linha de defesa, e qualquer baixar da guarda poderia causar uma catástrofe. Oscar Wilde tinha sido preso uns meros dezassete anos antes.

Morgan, quase duas décadas mais novo, era ligeiramente menos cauteloso, mas apenas em teoria. Na prática, tinha muito menos medo das leis do que da mãe. Não era capaz de se referir à sua condição, nem mesmo para si próprio, com um termo demasiado direto; falava disso de maneira oblíqua, como fazendo parte de *uma minoria*. Ele próprio era um *solitário*. Em Cambridge, dentro do seu círculo, a questão era discutida, mas de outro ponto de vista e na segurança da abstração. Era desculpável falar-se, não fazer-se. Desde que tudo ficasse pela esfera das palavras, nenhum crime era cometido. Mas até as palavras podiam ser perigosas.

Ao longo dos dias seguintes, Morgan observou Searight com atenção, e reparou que a sua vida se dividia em duas. Na sua existência como militar, apresentava uma face pública, a qual era, em toda a sua aparência, forte e masculina. Pertencia ao Queen's Own Royal West Kent Regiment, era um valente e respeitável defensor do reino. Ria e bebia com os outros oficiais de maneira sincera e efusiva. Era popular e bastante respeitado, mas evitava a compa-

nhia das mulheres a bordo. Essa era uma parte de si — mas havia um outro lado secreto, que Morgan já tinha visto.

Esse outro aspeto da natureza de Searight — que poderia dizer-se ser o seu verdadeiro caráter — era revelado apenas àqueles em quem confiava. Mas quando despia a camuflagem, despia-a completamente. Aquela primeira conversa espantara Morgan, mas foi seguida por outras pouco depois. Logo no dia seguinte, levou Goldie ao mesmo local no convés, para lhe apresentar o seu novo amigo, e, quase de imediato, começaram a falar de coisas que Morgan nunca se atrevera a dizer, ou que limitara ao seu diário, e mesmo assim de forma críptica.

Como uma coleção de fotografias de Von Gloeden, por exemplo, bastante gastas apesar do cuidado com que eram manuseadas. Morgan já vira aquelas imagens antes, mas num contexto que requeria uma apreciação mais sóbria, mais estética. Agora era diferente. Nas mãos de Searight, os tristes rapazes sicilianos, passeando entre ruínas e estátuas, ganhavam uma crueza carnal. Ao falar da beleza masculina da juventude, a sua voz enrouquecia de admiração. A pele, a penugem dos bigodes, os olhares provocadores e ao mesmo tempo vulneráveis...

— E olhem para este pau maravilhoso, inclinado uns quarenta e cinco graus para a esquerda. É uma beleza. Já para não falar dos testículos, que são espetaculares, especialmente o direito.

Aos seus olhos, até o cenário mais indecente era radioso, operático. Leu-lhes em voz alta, com a respiração engasgada, um pequeno conto que escrevera. Deixou-os folhear um pouco mais do seu épico poema autobiográfico, a que chamava *A Fornalha*. E mostrou-lhes várias páginas do final do caderno verde, repletas de crípticas colunas de números, antes de lhes explicar, em voz baixa, que representavam o somatório das suas conquistas sexuais até então; todas com detalhes estatísticos, como a data, o lugar, a idade, o número de encontros e a frequência do clímax. A maior parte daqueles encontros eram com rapazes ou homens jovens, com idades dos treze aos vinte e oito anos, muitos deles indianos. Eram quase quarenta, até ao momento.

Quase quarenta! Morgan nunca tivera um amante, nem um. O mundo do Eros era uma fugaz visão interior, sempre presente,

mas sempre inalcançável. Só uns meros três anos antes Morgan entendera como funcionava a cópula entre homens e mulheres, e estremecera de assombro. Era quase inimaginável que a mãe e o pai se tivessem entregado àquele tipo de atividade física para que ele nascesse. (Mas tinham-no obviamente feito pelo menos duas vezes.) O pai morrera quando Morgan não tinha sequer dois anos, e quando imaginava qualquer forma de sexualidade era sempre a imagem da mãe, Lily — viúva, de meia-idade, eternamente infeliz —, que lhe surgia, como uma visão. Como era agora o caso.

Mas tinha deixado a mãe para trás, em Itália, acompanhada por uma amiga, Mrs. Mawe. Livrara-se dela, pelo menos durante algum tempo, e estava determinado em aproveitar essa liberdade. E, no entanto, sentia-se desanimado, olhando para Searight através da enorme distância que os separava. Tinha a sensação de que as práticas sexuais daquele homem envolveriam gostos e comportamentos que o chocariam profundamente caso conhecesse os pormenores, mas não deixava de invejar-lhe a capacidade de passar do desejo à prática. Tanto sexo, tantos corpos esfregando-se uns nos outros! Morgan sentia-se corar, perturbado pelas imagens que lhe vinham à cabeça. Como é que Searight o teria feito? Como teria sido cada sedução, como soubera as palavras certas, os gestos certos?

Talvez fosse um talento, um dom, que Morgan simplesmente não possuía. Mas, pelo menos, compreendia agora que existia uma outra maneira de estar no mundo, de viver mais inteiramente. E, uma vez que o descobrira, já nada lhe parecia igual. Era possível que qualquer uma das pessoas que conhecia levasse uma vida dupla. Cada palavra poderia ter mais do que um significado.

Quando, por exemplo, numa das noites que se seguiram, passou por Searight, que conversava animadamente com o jovem passageiro indiano, viu-os subitamente sob uma outra luz. O que antes considerara um gesto de simpatia parecia-lhe agora outra coisa. Estavam muito juntos, uma das mãos de Searight pousada suavemente no ombro do outro homem, falando em voz baixa. Podia ser que conversassem sobre o tempo ou o progresso do navio — mas, quem sabe, não estariam a falar de outra coisa completamente diferente.

* * *

Ao refletir sobre isso, Morgan perguntou-se se não teriam sido os seus companheiros de viagem a dar a dica a Searight. Dos quatro, só Goldie e ele eram do tipo solitário, mas todos eles eram invulgares, e tinham-se divertido a exhibir as suas diferenças em frente aos restantes passageiros do navio. E talvez essa diferença tivesse sido como um sinal para Searight.

Eram um grupo divertido e fora uma feliz coincidência que viajassem juntos. Goldie tinha recebido uma bolsa para a viagem e tinha decidido usá-la para conhecer a Índia e a China. Viera com espírito de curiosidade social, com a ideia de catalogar prisões, templos e hospitais, para assim compreender o progresso moral em terras estrangeiras. Bob Trevelyan (que todos tratavam por Bob Trevy) achara que aquela seria uma boa oportunidade para também visitar o Oriente, sem a mulher e os filhos a atrapalhar. Gordon Luce, um conhecido do King's de quem era mais distante, estava de passagem por Bombaim a caminho de um posto na Birmânia. E Morgan — bom, Morgan viajava para voltar a ver o amigo indiano.

Aos olhos dos outros passageiros, eram um grupo peculiar. Tinham clara consciência da sua excentricidade e não a disfarçavam. À hora das refeições, divertiam-se a discutir importantes questões clássicas em voz alta, como os méritos relativos de Tolstói em comparação com Dostoiévski, ou se Nero possuiria algum talento teatral na encenação dos seus circos. Para os oficiais, os funcionários públicos e civis europeus que constituíam o grosso dos passageiros, as excentricidades daquele animado grupo de intelectuais eram motivo de desconfiança. Certa vez, quando estavam os quatro a beber chá, um soldado sentado à sua frente tinha rebentado a rir. Pareciam pertencer, mas não chegavam exatamente a pertencer ali. Não traziam as mulheres consigo, e não participavam nos jogos no convés, nem nos bailes de máscaras. A sua ironia era entendida como falta de seriedade. Por isso, começaram a tratá-los como Os Professores ou, às vezes, O Salão, num tom tanto familiar como malicioso.

Ao longo dos dias que se seguiram, Searight tornou-se membro honorário do Salão, sentando-se com eles às refeições e passeando todos juntos pelo convés. Depois de uma certa desconfiança inicial, todos acabaram por gostar dele. Debaixo da rudeza da sua carapaça de militar, começava a revelar-se uma alma poética e romântica. Era culto, encantador, inteligente e a sua companhia era agradável. Tinha um espírito generoso e uma vida imensamente interessante, que contava numa sucessão de histórias divertidas, muitas vezes fazendo troça de si mesmo, numa voz rica de barítono que era ao mesmo tempo extrovertida e discreta. Pouco tempo depois, já insistia em que deveriam ir visitá-lo à Fronteira, o que todos concordaram ser uma excelente ideia. Prometeram-lhes um piquenique no passo de Khyber; para lhes mostrar as franjas do império.

Mas, por enquanto, faltava ainda o resto da viagem de navio, com o mar vasto e cintilante à sua frente. Pairava já no ar um sentimento geral de antecipação e excitação que trazia muitos dos passageiros para a amurada, de olhos postos no horizonte, na esperança de ver aparecer algo sólido. A primeira visão foi sob a forma de duas borboletas amarelas, esvoaçando pelo convés. Morgan ficou excitadíssimo, mas as borboletas desapareceram, sem que a terra firme tomasse o seu lugar.

Na manhã seguinte, Bob Trevy acordou-o com a notícia de que já se vislumbrava a Índia. Juntaram-se os quatro a tempo de ver a linha escura à sua frente dissipar-se naquilo que realmente era: um banco de nuvens negras ao longe. Mas, mais tarde nessa mesma manhã, o horizonte foi engrossando até se transformar na silhueta incontável de curiosas montanhas encarnadas, aparentemente desertas de vida. Por alguma razão, Morgan lembrou-se de Itália. Já tinha, noutra ocasião, reparado na semelhança entre as formas da Europa do Sul e da Ásia — três penínsulas, com uma enorme cordilheira de montanhas na do meio, e a Sicília no lugar do Ceilão — mas aquela era uma Itália que não reconhecia completamente, como um lugar que tivesse visitado num sonho, anunciando um perigo.

E depois a chegada, com a previsível agitação entediante, a última refeição desagradável na companhia de gente desagradável, até descerem finalmente para terra. Ao desembarcarem, Morgan,

que ia sentado com Goldie na parte de trás do pequeno barquinho, viu Searight na parte da frente, ao lado do passageiro indiano, e foi subitamente assaltado por uma memória perturbadora.

— Porque seria que o Searight o queria matar? — disse.

— O quê? — perguntou Goldie. — O que é que queres dizer com isso?

Lembrou a Goldie o incidente, que acontecera quase duas semanas antes, em Port Said. Uma estranha história espalhara-se pelo navio: o indiano tinha-se queixado a um camareiro de que o seu companheiro de camarote tinha tentado mandá-lo borda fora. Mas depois tinham feito as pazes e voltado a ser os melhores amigos. Na altura, Morgan não pensara muito no assunto, mas a história voltara-lhe à cabeça, com aquela perturbadora questão.

Goldie piscou os olhos, sem entender.

— Estás enganado — disse ele. — Não foi o Searight.

— Não?

— Não, de certeza que não. Aliás, foi o Searight quem me contou essa história.

— Claro — respondeu Morgan, subitamente envergonhado.

— Não sei o que me passou pela cabeça.

Fora uma conclusão precipitada, assumir que Searight partilhava o camarote com o indiano; o que seria muito pouco provável. Morgan nem sabia como aquela ideia lhe atravessara o espírito. Mas depois, mesmo sabendo que não era verdade, continuou fascinado com o que imaginara. A luxúria num espaço confinado, sob um céu quente e sem nuvens, despertando desejos assassinos: sentiu o nascer de uma história.